



Reinar Depois de Morrer

de Luis Vélez de Guevara
encenação Ignacio García

adaptação

José Gabriel Antuñano

tradução

Nuno Júdice

cenografia

José Manuel Castanheira

figurinos

Ana Paula Rocha

desenho de luz

Guilherme Frazão

assistência de encenação

João Farraia

assistência de figurinos

Carolina Furtado

estágio de cenografia

Filipe Fernandes

confeção de guarda-roupa

Iza Van Atelier

jóias

Sílvia Teles

produção

Paulo Mendes

direção de montagem

Guilherme Frazão

montagem

Andreia Mendricó

Carlos Janeiro

Ivan Teixeira

Paulo Horta

Pedro Boalhosa

Gustavo Paes

Lucas Ribeiro

Marizan Lima e

Rodrigo Marques

(estagiário)

maquinaria

Ivan Teixeira

operação de luz e som

Andreia Mendricó

interpretação

José Neves*

Margarida Vila-Nova

João Lagarto

Ana Cris

David Pereira Bastos

Leonor Alecrim

Maria Frade

Pedro Walter

e as crianças

Diogo Moura

Gonçalo Saraiva

coprodução

Companhia de Teatro de

Almada, Companhia Nacional

de Teatro Clássico

espetáculo inserido na

Mostra Espanha 2019

estreia 25Out2019

Teatro Municipal Joaquim

Benite (Almada)

dur. aprox. 1:30

M/12 anos

Conversa pós-espetáculo

6 dez

Teatro Nacional São João

5-7 dezembro 2019

quí+sex 21:00 sáb 19:00

* Ator gentilmente cedido pelo Teatro Nacional D. Maria II

OTNSJ É MEMBRO DA



O grande amor português

Sarah Adamopoulos

A incrível história de amor entre D. Pedro e D. Inês, medievamente condimentada – que é como quem diz ensanguentada – com as impositivas razões de Estado que determinaram o seu desfecho, tem feito a sua caminhada pelos tempos com o fulgor das coisas eternas. Marcada pela desgraça ao modo português – bruto, antigo, excessivo e cheio de futuro –, ceifou mais do que a vida da bela Inês, abstraída que estaria – como bem lembrou Camões, perfeitamente sabendo do que é feita a Fortuna – “naquele engano da alma, ledo e cego/ que a fortuna não deixa durar muito”. E desde logo as vidas daqueles “patriotas” a quem D. Pedro, perdido do tino pela náusea do desgosto que fez cruel quem no começo da história era só um rapaz ingénuo, mandou arrancar os corações: a um, pelas costas (chamava-se Coelho) e ao outro, pelo peito (este, Gonçalves), tendo-o talvez mesmo erguido a pingar sangue diante da multidão enfuriada clamando em coro por vingança, e trincado o do primeiro.

E a barbaridade destes gestos sanguinários, alumados pela exígua luz de um triunfo impossível (a morte não podendo jamais ser vingada pela morte, por mais obscena), longe de ser apenas violenta, transporta o tamanho do amor que, se já era enorme, o desgosto e as consequências do desgosto tornaram descomedido – e por isso mesmo eterno. E desde então que Pedro e Inês vivem dentro do coração do povo português, atravessando a História e as gentes que a vão fazendo, caminhando lado a lado e sempre empunhando o estandarte do amor maior de todos – o mais belo, esse que nem a morte mata. De tal forma que pessoas de outros povos e tempos, uns e outros muito diversos entre si, se apaixonam por estes dois – como sucedeu a Luis Vélez de Guevara, autor de uma obra toda ela de feição fortemente historicista, perto de três séculos depois da execução de Inês e da coroação do seu cadáver desenterrado.

Antes e para além de toda a injustiça e cruzeza – mas sem todavia esquecer o poder propulsor da indignação e da força bruta que arremessam este amor doído de geração em geração, lançando a sua inultrapassável beleza em todos os futuros –, há nesta história, de contornos e encheimentos imprecisos, a verdade das emoções puras, em que todos nos podemos rever na nossa melhor humanidade, e sofrer por vê-la assim traída, destrutada por coisas alheias ao amor. Cada rapariga que se apaixonou é Inês, cada rapaz, Pedro. O grande amor, o maior de todos, e o ainda maior desgosto de perdê-lo – não por desamor, o que seria trivial, mas por intervenção trágica, não do destino mas de interesses supostamente superiores – é o de Pedro e Inês. Não há quem

o mate dentro de nós. Nem Romeu e Julieta, que vejo a crescer ali na sombra, reclamando-se inultrapassáveis e imaginando talvez que podem chegar aos calcanhares de Pedro e Inês. Não podem, apesar do que Shakespeare fez por eles.

A história de Pedro e Inês, que é simultaneamente a de amores proibidos entre filhos de nações disputando o poder sobre territórios e povos, e a mais linda (e verdadeira) história de amor de sempre, é de um lirismo (i.e., de uma inexcedível exaltação sentimental, mas também de uma nobreza) e de uma emotividade que plenamente justificam a sua eternidade. A encenação de Ignacio García celebra a dimensão emotiva dessa história, levando para o palco, necessariamente sem naturalismo, a transcendência da morte e a incerteza de um sonho, com recurso a um dispositivo narrativo intermédio, situado entre a vida/realidade e a morte/irrealidade, elegantemente evocando *A Vida é Sonho*, de Calderón de la Barca, estreado no mesmo ano de *Reinar Depois de Morrer*.

Esta criação, uma grande produção ibérica, celebra uma coisa mais: os laços, também eles indestrutíveis, entre duas nações unidas pela História, coroando uma vez mais, para que reine para sempre, desta feita em língua portuguesa – numa tradução de Nuno Júdice –, o grande, o maior amor português: o de Pedro e Inês, chama ardente que não se apaga, condenada à perpetuidade.

ficha técnica TNSJ

produção executiva

Alexandra Novo

direção de palco

Emanuel Pina

adjunto do diretor de palco

Filipe Silva

direção de cena

Pedro Guimarães

luz

Filipe Pinheiro (coordenação)

Adão Gonçalves

Alexandre Vieira

José Rodrigues

Nuno Gonçalves

Rui M. Simão

maquinaria

Filipe Silva (coordenação)

Adélio Pêra

António Quaresma

Carlos Barbosa

Joaquim Marques

Joel Santos

Jorge Silva

Lídio Pontes

Paulo Ferreira

som

Francisco Leal (coordenação)

António Bica

Joel Azevedo

João Oliveira

vídeo

Fernando Costa

apoios TNSJ

 

apoios à divulgação

  
 



agradecimentos TNSJ

Câmara Municipal do Porto

Polícia de Segurança Pública

Mr. Piano/Pianos Rui Macedo

Reinar Depois de Morrer está inserido na Mostra Espanha 2019

  

edição

Departamento de Edições

do TNSJ

fotografia

Rui Mateus/Luana Santos

design gráfico

Dobra

impressão

Greca – Artes Gráficas, Lda.

Não é permitido filmar, gravar ou fotografar durante o espetáculo. O uso de telemóveis ou relógios com sinal sonoro é incómodo, tanto para os intérpretes como para os espectadores.